



International Coffee Organization  
Organización Internacional del Café  
Organização Internacional do Café  
Organisation Internationale du Café

ICC 96-3

16 agosto 2006  
Original: inglês

P

Projetos/Fundo Comum

Conselho Internacional do Café  
Nonagésima sexta sessão  
25 – 29 setembro 2006  
Londres, Inglaterra

**Potencial para a diversificação  
nos países exportadores de café**

**Sumário Executivo**

### **Antecedentes**

1. Este documento contém a versão final do Sumário Executivo do Volume I (Diretrizes para Formuladores de Políticas) do estudo sobre o potencial para a diversificação nos países exportadores de café. Contém também as conclusões dos estudos de caso de uma série de países (Honduras e Nicarágua, Índia, Malauí, Tanzânia, Uganda e Zimbábue) que figuram no Volume II (Estudos de Caso de Países). Esses documentos foram apresentados pelo Instituto de Recursos Naturais (NRI, na sigla em inglês), que foi a Agência de Execução do Projeto.
2. Um CD-Rom com o texto de ambos os volumes será distribuído na 96ª sessão do Conselho Internacional do Café, no período de 25 a 29 de setembro de 2006.

### **Ação**

Solicita-se ao Conselho que tome note deste relatório.

## VOLUME I

### DIRETRIZES PARA FORMULADORES DE POLÍTICAS

#### Sumário Executivo

O Fundo Comum para os Produtos Básicos (FCPB) e a Organização Internacional do Café (OIC) identificaram a diversificação nos países produtores de café como uma importante área para ação no contexto da persistência dos preços baixos e da “crise do café”. A crise teve sérias conseqüências tanto para milhões de pequenos produtores de café, suas famílias e suas comunidades em muitos países em desenvolvimento que produzem café como para outros trabalhadores e participantes da cadeia cafeeira.

O objetivo global deste estudo consiste em explorar a possibilidade de executar programas práticos de diversificação no âmbito do combate à pobreza nas áreas de produção cafeeira, e em promover o aumento da renda das populações rurais, levando em conta as diversas limitações existentes em cada país selecionado.

Este relatório, portanto, visa a contribuir para uma melhor compreensão dos fatores que facilitam uma diversificação bem-sucedida, entre os quais os “amortecedores” necessários. Fazemos a análise da literatura e das experiências em diversificação acumuladas até o momento, relacionando-as com a situação específica dos cafeicultores e oferecendo orientação aos formuladores de política para a identificação e planejamento de iniciativas de diversificação nos países produtores de café.

O relatório é estruturado como indicamos a seguir. No Capítulo introdutório explicamos o que queremos dizer por diversificação e expomos os objetivos e estrutura do estudo. No Capítulo 2 focalizamos, por um lado, os fatores que levam os cafeicultores e outros importantes participantes da cadeia do café a considerar opções que lhes permitam obter sustento fora da cafeicultura e, por outro lado, os fatores que “atraem”, ou seja, oportunidades de que os cafeicultores, traders e processadores podem se valer. O Capítulo 3 trata das características dos cafeicultores e outros participantes da cadeia do café nos países exportadores. No Capítulo 4 as diferentes opções de diversificação tanto vertical quanto horizontal que se oferecem aos produtores de café são indicadas em maior detalhe. O Capítulo 5 discute as condições necessárias para que os cafeicultores tenham êxito ao diversificar. O processo de Diversificação da Empresa nos Países e Áreas Cafeeiras (DEPAC) como estrutura para ação se explica no Capítulo 6. No Capítulo 7 fazemos recomendações quanto ao caminho a seguir, com base em nossa própria experiência e nas reações externadas num workshop da Organização Internacional do Café. Há sete Apêndices ao relatório principal. O primeiro é uma lista das pessoas contatadas no decorrer do estudo. No Apêndice 2 fornecemos mais detalhes das opções para o café diferenciado. O Apêndice 3

delinea as abordagens do Desenvolvimento Econômico Local (DEL), do Desenvolvimento da Economia e da Empresa Rural (DEER) e do Enfoque Territorial do Desenvolvimento dos Negócios Rurais (ET-DNR). O Apêndice 5 esboça algumas medidas recentes de mitigação de riscos no financiamento rural. O Apêndice 6 contém detalhes do workshop que se realizou na Organização Internacional do Café em 24 de maio para apresentar e discutir as minutas do relatório e dos estudos de caso. O Apêndice 7 contém as apresentações em PowerPoint feitas no workshop.

Materiais para este estudo foram coligidos combinando resenhas da literatura, estudos de caso de países (baseados em entrevistas com informantes importantes e análises da literatura tanto publicada como não publicada comercialmente e de séries de dados disponíveis) e discussões com pessoas relevantes do comércio. O relatório foi escrito pelo NRI, em colaboração com parceiros do projeto do FCPB nos países que foram alvo dos estudos de caso. Esses países, identificados pelo FCPB, foram Honduras, Índia, Malauí, Nicarágua, Tanzânia, Uganda e Zimbábue. As íntegras dos estudos de caso encontram-se no Volume 2. O NRI preparou uma estrutura para os estudos de caso, que foram então escritos pelos parceiros do FCPB, com certos contributos do pessoal do NRI.

Termos de referência para o estudo foram acordados em julho de 2005. Iniciamos um exame da literatura sobre diversificação no setor cafeeiro e setores afins em agosto de 2005 e baseamos nesse exame a minuta de uma estrutura para os estudos de caso, que foi compartilhada com nossos colaboradores em setembro de 2005. As minutas dos estudos de caso foram concluídas no início de 2006 e analisadas e revisadas na primavera de 2006. Nesse ínterim, os materiais do exame das resenhas da literatura e estudos de caso foram analisados, e o relatório principal foi escrito. Isso levou ao preparo da estrutura de DEPAC para ação.

A diversificação dá-se em planos que se entrecruzam e, por isso, requer uma abordagem multidimensional. É um processo de longo prazo que envolve mudança a nível do agricultor e entre empresários, com o apoio de provedores de serviços dos setores público e privado e um clima de políticas favoráveis. Nós, assim, examinamos a diversificação de diversos ângulos, que se estendem do nível doméstico ao dos formuladores de políticas. Em linhas gerais, este relatório examina a diversificação por dois enfoques disponíveis aos produtores:

1. Medidas que buscam captar maior valor na cadeia de valor (isto é, posicionando o produtor num ponto mais elevado da cadeia), que chamaremos de *diversificação vertical*, e
2. Investimento em culturas ou produtos alternativos, entre os quais produtos não-agrícolas: *diversificação horizontal*.

Indicamos os fatores que impelem cafeicultores e outros importantes participantes ao longo da cadeia a considerar opções de sustento não relacionadas com o café. A natureza do mercado cafeeiro (em particular, o excesso de oferta e a resultante pressão baixista sobre os

preços, a maior volatilidade de preços e o declínio das relações de troca) e o clima econômico geral significam que os agricultores estão recebendo retornos escassos pela produção de café, em parte porque maior proporção do valor agregado do café é absorvida fora dos países produtores, e também porque mudanças técnicas na dinâmica da oferta significam que muitos produtores já não têm condições de competir. Essas circunstâncias, assim como mudanças do mercado cafeeiro, afetam os produtores, os pequenos em particular, “pressionando-os” a diversificar fora da cafeicultura. Além disso, os tipos de café que o mercado exige estão mudando. No entanto, há oportunidades que podem ser aproveitadas pelos agricultores, comerciantes e processadores em outros setores agrícolas e fora da agricultura, na economia rural desvinculada da propriedade (ERDP) e mais além. A micronível, examinamos como os agricultores têm diversificado seus meios de vida, tanto para minimizar os riscos ligados à dependência de um cultivo comercial como o café, quanto para captar benefícios associados com a agregação de valor ao produto ou com o investimento em oportunidades alternativas.

Há um amplo leque de oportunidades para a diversificação, seja ela vertical ou horizontal, com diferentes implicações em termos de recursos. As opções para a diversificação vertical se estendem da eficiência agrônômica e pós-colheita na lavoura, à melhoria das instituições encarregadas da comercialização e da organização, à transformação do produto e à de comercialização de um produto diferenciado. A viabilidade das opções de diversificação vertical depende das possibilidades de aumentar a competitividade e da capacidade de produzir e comercializar um produto de qualidade. O café diferenciado, por exemplo, não é a resposta para todos os agricultores. As opções para a diversificação horizontal podem ser apresentadas em termos de novos mercados para a agricultura de alto valor (em particular a horticultura, mas também especiarias e nozes) e opções além da agricultura na economia rural desvinculada da propriedade. O desenvolvimento da ERDP nos países em desenvolvimento é um assunto extraordinariamente vasto. Um desafio significativo para o formulador de política é o de decidir como priorizar. Os princípios que governam a intervenção na ERDP incluem:

- Priorizar atividades que têm como alvo mercados atraentes
- Apoiar os produtores para satisfazer às necessidades do mercado
- Melhorar o acesso ao mercado
- Sempre que relevante e viável, promover o desenvolvimento de associações e cooperativas de produtores que compartilham interesses
- Desenvolver coalizões institucionais flexíveis e inovadoras
- Adotar um enfoque subsetorial
- Desenvolver estratégias de sustentabilidade desde o início

As metodologias vertical e horizontal não são mutuamente exclusivas, já que os cafeicultores podem adotar estratégias diversificadas que combinem maior competitividade na cafeicultura com a introdução de outras atividades.

No entanto, todos os cafeicultores terão condições de aproveitar essas novas oportunidades? A localização e os bens dos cafeicultores podem limitar sua capacidade de participar dos novos mercados. Embora a maioria dos cafeicultores esteja enfrentando uma situação prolongada de preços baixos, sua capacidade de se haver com as condições desfavoráveis do mercado cafeeiro ou adotar alternativas de sustento não é idêntica. Alguns, especialmente os de maior porte, podem se dedicar a uma grande variedade de cultivos comerciais e acessar outras fontes de renda doméstica, enquanto que os de menor porte podem depender do café para obter receita pecuniária e cultivar outros produtos somente para consumo doméstico. No entanto, o modo como a produção de café se integra nos meios de vida varia conforme as áreas e os países, e nesse contexto o acesso ao mercado para produtos alimentícios perecíveis não passa de uma variável.

Há grandes variações na capacidade dos cafeicultores para diversificar. Frequentemente as alternativas são raras e podem oferecer oportunidades apenas a um número limitado de pessoas. Também há problemas no que se refere às políticas e ao vigor, ou falta de vigor, da economia local e, também, dos mercados internacionais. Acresce que os cafeicultores podem não dispor das habilidades ou recursos para explorar outras opções, ou não ser capazes de acessar novos mercados que estão surgindo, devido à distância ou ao terreno, mesmo que consigam produzir. Na verdade, o setor cafeeiro frequentemente se caracteriza por pouca mobilidade. Os serviços de comercialização e apoio, por sua vez, podem ser um elo fraco.

Para aproveitar as oportunidades de diversificação de modo sustentável, diversos fatores são necessários. Importante é que haja razoável equilíbrio entre a coordenação do setor público e a participação do setor privado e uma estrutura institucional que proporcione apoio. Precisa haver concentração no mercado, assim como tecnologia e habilidades apropriadas, sistemas de apoio e ação coletiva. As políticas e a regulamentação precisam apoiar a empresa. Embora a literatura que tem surgido ofereça alguns princípios úteis para orientar as medidas de diversificação, pouco existe fora da América Central que discuta o setor cafeeiro em específico, e quase nada que proporcione uma estrutura unificadora em que basear a ação. Nós, assim, nos voltamos para a literatura que tem surgido sobre desenvolvimento econômico local (DEL), para poder oferecer um quadro de requisitos em diferentes níveis. Uma estrutura de DEL permite não só estabelecer um elo conceitual entre o nível doméstico/comunitário e os níveis regional e nacional, como também entender os fatores que guiam o mercado de café e de produtos ou atividades econômicas alternativas.

Com base em nosso exame da experiência de diversificação, na literatura e em análises e enfoques espaciais do DEL, desenvolvemos o processo de Diversificação da Empresa nos Países e Áreas Cafeeiras (DEPAC) como estrutura para ação. Nosso intuito é, através desse processo, fornecer orientação específica para os formuladores de política acerca das medidas que eles devem tomar, em colaboração com os pertinentes participantes em toda a cadeia de comercialização e no setor privado, e sugerir instrumentos que eles podem usar nas diferentes etapas no processo de formulação de políticas de diversificação.

O processo de DEPAC concentra-se na área, para que as iniciativas de diversificação se orientem pela demanda de baixo para cima, ou seja, começando do grupo de agricultores até chegar ao o nível empresarial. Um fórum com múltiplos participantes dirige o processo, com supervisão e coordenação de um Campeão do setor público. Esse Campeão, de importância vital dentro do processo, desempenhará uma função de coordenação entre os participantes, em particular entre entidades governamentais. A participação do setor privado é essencial, como também é essencial uma metodologia orientada pelo mercado, usando recursos de um Fundo de Desafio. É importante, porém, que o Estado conserve um papel supervisor e coordene os participantes, especialmente no longo prazo.

As etapas importantes no processo de DEPAC incluem:

1. Identificação do Campeão do setor público
2. Formação do Fórum de DEPAC a nível nacional
3. Estabelecimento do Fundo de Desafio para DEPAC
4. Estabelecimento do Fórum de DEPAC a nível de área
5. Objetivos do Fundo de Desafio de DEPAC estabelecido a nível de área pelo Fórum
6. Iniciação do processo de DEPAC a nível de área
  - a. Avaliação inicial
  - b. Identificação de oportunidades de mercado pelo Fórum da Área
  - c. Análise participativa da cadeia de valor por Forças-Tarefa
  - d. Requerimentos ao Fundo de Desafio de DEPAC
7. Decisão de alocar o Fundo de Desafio de DEPAC por Fórum de Área
8. Revisão do processo e feedback ao Fórum a nível nacional
9. Outro ciclo de DEPAC na mesma área ou em outra.

As características-chave do processo de DEPAC são sua capacidade de facilitar a coordenação entre os diversos participantes a nível nacional e de área, e de criar pontos de entrada para a ação governamental e o envolvimento de outros participantes. O processo de DEPAC deve operar a nível da área e ser orientado pela demanda de baixo para cima, ou seja, a partir do grupo ou empresa agrícola. A área selecionada pode variar entre os países ou até dentro dos países, dependendo da localização da produção cafeeira e das necessidades locais.

Uma condição essencial à base do processo de DEPAC é que seja possível construir a capacidade institucional apropriada para promover um processo de mudança. É preciso que haja desenvolvimento institucional para coordenar recursos, gerir a evolução de mercados eficazes e desenvolver estruturas de apoio. A diversificação não deve ser considerada uma atividade sazonal; ela é um processo de longo prazo positivamente ligado ao próprio processo de desenvolvimento. Quando a diversificação é encarada como um processo abrangente e contínuo, podem surgir externalidades positivas para toda a economia. Para que ela seja mais que uma série de esforços de curto prazo para enfrentar a volatilidade de preços, é preciso adotar uma abordagem mais evolutiva que seja capaz de incrementar a competitividade em

toda a economia. Para tanto, é importantíssimo que haja liderança e o empenho do Governo no longo prazo, especialmente se se espera que os benefícios da diversificação sejam compartilhados em todas as zonas produtoras de café.

Obviamente a diversificação é uma questão complexa, sem soluções simples. O enfoque de DEPAC delinea uma série de instrumentos que podem ser utilizados em diferentes etapas do processo. Recomenda-se a adoção de diversas medidas capazes de contribuir para a diversificação:

- Duas ou três áreas devem ser selecionadas para o desenvolvimento de projetos experimentais de DEPAC. Essa seleção deve ser feita com base no empenho dos participantes e no tipo de área de cafeicultura.
- A formulação de propostas para esquemas experimentais de diversificação de natureza prática pode receber ajuda do Serviço de Preparo de Projetos do FCPB.
- Embora o FCPB se disponha a apoiar projetos experimentais adequadamente planejados, será preciso também identificar e garantir o financiamento das iniciativas. Entre as fontes de financiamento podem estar governos, doadores multilaterais e bilaterais, ONGs e o setor privado, coordenados por um Fundo de Desafio que facilite a cooperação entre doadores e outros participantes.
- Dentro da área selecionada, será preciso identificar um Campeão, criar um Fórum Nacional e um Fórum de Área e identificar alternativas sustentáveis de diversificação – o estudo dá detalhes dos diversos instrumentos que podem ser usados na execução dessas tarefas. Será preciso efetuar mais trabalho a nível da região, do país e da área de produção, para identificar as instituições mais apropriadas para, em cada caso, liderar o processo de DEPAC e garantir a participação dos interessados pertinentes. Não se deve subestimar os desafios que a construção da capacidade apropriada representa nos ministérios dos governos e outras instituições do setor público que, em alguns países produtores, dispõem de poucos recursos. Pode ser necessário considerar insumos externos para construir capacidade no setor público e formular e conduzir o processo de DEPAC e os projetos de diversificação resultantes, incluindo o desenvolvimento de estruturas apropriadas para integrar perspectivas e capacidades em variados departamentos governamentais, no serviço público, e para trabalhar eficazmente com o setor privado.
- Os resultados experimentais devem ser considerados num contexto nacional e regional. Deve-se procurar incluir as questões da diversificação e os enfoques locais nos programas de redução da pobreza, exames das despesas públicas e planos nacionais dos governos. Observadores de outros países exportadores de café devem ser convidados a participar, de modo a permitir que as lições sejam compartilhadas entre áreas produtoras de café, em caráter regional.
- À medida que os projetos pilotos forem desenvolvidos, será importante elaborar e refinar seu design de DEPAC, como parte de um processo de aprendizagem contínua.

## VOLUME II

### ESTUDOS DE CASO DE PAÍSES

#### HONDURAS E NICARÁGUA

##### Conclusões

Este estudo de caso mostra que houve muitas iniciativas de diversificação no setor cafeeiro da América Central desde os anos 80. Em particular, a depressão mais recente dos preços internacionais do café entre 1999 e 2004 e os impactos que ela causou na micro e na macroeconomia local levaram a novos debates e intervenções. Embora em escala nacional a crise tenha levado a uma redução das receitas em divisas, a nível familiar ela levou, inter alia, a um declínio da renda, perdas de emprego e conseqüências sociais correlatas.

Apesar de as primeiras avaliações sugerirem que os trabalhadores (freqüentemente sem terra) do setor cafeeiro foram o grupo que a crise atingiu com mais dureza, avaliações mais sistemáticas concluíram que, relativamente, os pequenos cafeicultores autônomos foram o subgrupo mais afetado pelo declínio dos preços. Com respeito à dinâmica da pobreza, a vasta maioria das famílias que fornecem mão-de-obra à cafeicultura se mantiveram aprisionadas numa situação de pobreza crônica, experimentando pouca ascensão social.

Medidas para a diversificação tanto horizontal quanto vertical estão sendo tomadas em Honduras e na Nicarágua. As medidas para a diversificação horizontal parecem se concentrar na diversificação dos cultivos (por exemplo, de hortaliças para o mercado interno e externo). Políticas que facilitam o crescimento macroeconômico e um mercado de trabalho flexível podem contribuir para ampliar o emprego nos setores da economia rural desvinculada da propriedade (ERDP). Isso, contudo, nem sempre traz grandes benefícios aos pobres, que freqüentemente não têm as condições necessárias (por exemplo, educação e habilidades) para tirar proveito de opções da ERDP que requerem muitos conhecimentos e uso intensivo de capital.

As medidas para a diversificação vertical visam à obtenção de uma proporção mais significativa da cadeia de valor do café (isto é, transferindo o produtor para pontos mais altos da cadeia) e à melhoria da competitividade do setor. Em particular, doadores como a USAID estão financiando projetos que contam com a participação de agências governamentais, ONGs ou empresas do setor privado e têm por alvo mercados de produtos especiais diferenciados (por exemplo, café gourmet, fair-trade, sombreado e orgânico). Tais medidas incluem a melhoria da qualidade, o aumento do valor agregado e estratégias promocionais. Parece, contudo, que, apesar de esforços substanciais, tanto Honduras como a Nicarágua



ainda não conseguiram explorar todo o potencial que existe nesses mercados. Em parte, isto pode dever-se à concorrência de países vizinhos que estão melhor estabelecidos nesses mercados (por exemplo, Guatemala e Costa Rica).

Análises de rentabilidade das medidas de diversificação são necessárias para calcular as taxas de retorno dos investimentos e mão-de-obra, comparadas com as da produção tradicional de café em diferentes lugares e sistemas agrícolas.

Em abril de 2006 foi lançado um novo projeto quadrienal, que conta com o patrocínio da OIC e é financiado pelo FCPB, com contribuições de contrapartida dos Governos hondurenho e nicaragüense. Esse projeto visa à reabilitação dos setores cafeeiros dos dois países e se concentra na construção e modernização de instalações de processamento de café em ambos.

As estratégias para enfrentar os choques requerem abordagens integradas, com múltiplos níveis e incluindo esforços para:

- Assegurar estabilidade e crescimento macroeconômicos;
- Ampliar e fortalecer a capacidade das pessoas de gerir riscos previstos, através de investimentos na mobilidade econômica das pessoas e no desenvolvimento de mecanismos mais eficazes de seguros e gestão de risco baseados no mercado;
- Desenvolver redes de segurança apropriadas e bem focalizadas;
- Fortalecer sistemas de dados, informações e monitorização.

Como advertência final, lembramos a observação de Wyeth (1989) de que existe uma relação inversa entre o entusiasmo pela diversificação do café e a receita que ele proporciona. Alguns agricultores diversificaram, afastando-se do café há dois ou três anos, quando os níveis de preços internacionais batiam recordes de baixa, mas estariam menos inclinados a considerar uma saída da cafeicultura agora que os preços estão mais altos. Da mesma forma, o entusiasmo dos governos pode estar desaparecendo agora que as receitas obtidas com o café parecem mais saudáveis. Isso reforça uma de nossas principais conclusões, de que a diversificação requer empenho de todos os participantes ao longo da cadeia no longo prazo.

## ÍNDIA

### **Conclusões**

Como já foi dito em outro ponto, não é rentável converter as áreas de cafeicultura para atividades agrícolas alternativas, devido às condições pecuniárias que nelas prevalecem. As lavouras de café são vitais para a sobrevivência do ecossistema dos Ghats Ocidentais, que, ecologicamente sensíveis, são reconhecidos como uma das áreas mundiais de maior biodiversidade. O café também é idealmente adequado e já está estabelecido como cultivo importante para o florestamento dos Ghats Ocidentais, que são afetados pelas práticas de agricultura itinerante das tribos locais. As condições de cultivo sombreado prevalentes nas lavouras de café acenam com boas possibilidades para a diversificação com muitos cultivos intercalares. A única atividade não-cafeeira que se poderia promover é o ecoturismo. A iniciativa de diversificação, portanto, deveria situar-se na própria cafeicultura e não fora dela.

No que respeita à diversificação vertical, há muito boas possibilidades de melhorar os retornos dos agricultores por adição de valor.

A análise dos pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças (SWOT, na sigla em inglês) lança luz sobre as perspectivas da diversificação nas propriedades de café da Índia.

### **Pontos fortes**

1. Condições ideais para o cultivo de muitos produtos dentro das propriedades de café.
2. Muitas zonas agroclimáticas distintas e variedades adequadas para a produção de cafés especiais de alta qualidade.

### **Pontos fracos**

1. Alta porcentagem de cafeicultores marginais, pequenos e tribais que são vulneráveis a flutuações dos preços do café e dos cultivos intercalares.
2. Precariedade das condições econômicas dos cafeicultores marginais, pequenos e tribais para investir na melhoria da qualidade.
3. O fato de os pequenos cafeicultores não terem formado cooperativas/grupos capazes de ajudá-los a produzir “quantidades com qualidade”, negociar preços por seus produtos e se posicionar em pontos mais altos na cadeia de valor.

### **Oportunidades**

1. Enorme base de consumidores com bom poder de compra, para a promoção do consumo de café dentro do país. Os cafeicultores com isso teriam a oportunidade de se posicionar num ponto alto da cadeia de valor.

2. Grandes possibilidades para a promoção do ecoturismo e turismo de lazer e de aventura nas colinas onde se cultiva café, para melhorar as condições econômicas gerais das zonas cafeeiras.

### **Ameaças**

1. A emergência de novas origens de alta eficiência e baixos custos de produção afetou significativamente os preços não só do café, mas também de diversos outros produtos agrícolas cujo cultivo intercalar se pratica nas fazendas de café, como a pimenta, o cardamomo, a baunilha, etc. Os preços atuais do café, que é o principal cultivo, e de diversos cultivos intercalares se mantêm econômicos, permitindo aos agricultores conservar seu meio de vida e suas lavouras. Uma queda dos preços do café e dos cultivos intercalares para níveis não-econômicos poderia levar os agricultores a abandonar suas lavouras, com efeitos adversos para o meio ambiente.
2. Além das flutuações de preços, as rápidas mudanças nas condições meteorológicas, entre as quais estiagens recorrentes, levam a safras reduzidas e a ataques repentinos de pragas e doenças. Os cafeicultores não conseguem controlar as pragas e doenças sem intervenção governamental, devido às más condições econômicas em que se acham.

Assim, ainda que as condições sejam favoráveis e haja amplas oportunidades para a diversificação tanto horizontal como a vertical no setor cafeeiro indiano, muito poucos cafeicultores dispõem dos recursos econômicos, da estabilidade e da acuidade de mercado necessários para exportar com êxito cafés especiais de alta qualidade e/ou se posicionar melhor na cadeia de valor. A vasta maioria dos cafeicultores marginais, pequenos e tribais não possui as condições necessárias para se beneficiar das oportunidades.

Um dos pontos fracos que mais se notam em relação aos cafeicultores marginais e pequenos é sua incapacidade para formar grupos/cooperativas. Esforços deveriam ser envidados para incentivar o enfoque comunitário da criação de serviços de infra-estrutura para melhoria da qualidade, da armazenagem do produto e da agregação de valor. Os subsídios que há para a infra-estrutura de processamento/armazenamento são os mesmos para todas as categorias de agricultores e não são atraentes. Deveria haver uma escala diferencial de apoio às pequenas propriedades, com o objetivo de incentivá-las a abraçar a melhoria da qualidade. Esforços no sentido de facilitar a certificação de cafés de propriedades marginais, tribais e pequenas sob o rótulo de “Fair Trade” e de criar elos de mercado para esses cafés também seriam altamente compensadores a longo prazo. Outra iniciativa poderia se concentrar na identificação de cultivos intercalares novos e economicamente viáveis e de atividades subsidiárias (laticínios, apicultura, etc.) adequadas para os produtores pequenos e marginais.

## MALAUÍ

### **Conclusões**

#### **Pontos fortes**

Nas zonas de café, fatores físicos, como bom clima, solos férteis e numerosos cursos d'água facilitam a produção. Há muito potencial para a irrigação. O país tem um sistema de extensão bem estabelecido nessas zonas, apoiado por pesquisa do setor público. Há grupos de agricultores bem desenvolvidos, como associações de vários tipos de empresas. Acresce que o custo da mão-de-obra é baixo. Numerosas instituições oferecem crédito/empréstimos para negócios de todo tipo, produção em pequena escala, agricultura estatal inclusive do tipo industrial e comercialização. A introdução de feiras populares está ajudando os negociantes a obter quantidades adequadas de produtos num único lugar. Há boas instituições de treinamento para a produção agrícola. A demanda de muitos produtos agrícolas, até mesmo produtos de exportação como a macadâmia e a castanha de caju, já foi identificada. O café do Malauí tem sido vendido como café de alta qualidade, especial ou de origem única. O setor cafeeiro do país é pequeno e pode ser organizado com facilidade. Os agricultores também já estão familiarizados com muitos outros produtos agrícolas além do café.

#### **Pontos fracos**

Os custos do transporte são altos, porque as estradas nas zonas de café são mal desenvolvidas e, além disto, o Malauí é um país sem litoral. O custo de insumos como fertilizantes e produtos químicos é alto para muitos pequenos agricultores. Nem os conhecimentos sobre sistemas de comercialização nem os próprios sistemas estão bem desenvolvidos, e os produtores dependem de negociantes para comprar sua produção nas zonas produtoras, ficando por isso sujeitos a preços desvantajosos. O apoio governamental ao desenvolvimento de setores específicos é fraco, mas o Governo apóia os agricultores desprovidos de recursos, sem uma agenda de desenvolvimento. O custo dos empréstimos ainda é muito alto e está fora do alcance da maioria dos pequenos agricultores. O país tem salários muito baixos e está sofrendo de uma fuga de talento que frustra os esforços de treinamento. Geralmente há poucos recursos e capacidade para bons projetos pioneiros. O uso de informática é muito escasso, devido aos altos custos e a uma apreciação limitada de sua utilidade.

#### **Oportunidades**

Com o cultivo de seus produtos tradicionais – tabaco, chá, algodão, açúcar e café –, o Malauí tem estagnado, sob intensa competição no mercado mundial, ainda que outras oportunidades permaneçam inexploradas. A comercialização em geral não revela grande avanço e, se for desenvolvida, pode incrementar a renda dos produtores. A demanda local é tão grande, que o país se tornou importador líquido da maioria dos produtos agrícolas, como trigo, frutas,

batata, leite e aves. O Malauí é um pequeno produtor de café, e o mercado mundial pode facilmente absorver seu café de alta qualidade. Os numerosos pequenos torrefadores que operam no mercado dos cafés especiais estariam interessados nos volumes limitados dos cafés de origem única do Malauí. O número de empresas que investem em insumos agrícolas e na cadeia de produção-consumo vem aumentando rapidamente. A presença de urânio e de grandes depósitos de carvão apresenta oportunidades fora da agricultura.

### **Ameaças**

Periodicamente o país é afetado por estiagens. Pragas e doenças ameaçam a agricultura tropical, especialmente porque a capacidade de desenvolvimento no Malauí é limitada. Uma ameaça são as flutuações de preços, que não podem ser controladas, pois, como pequeno país produtor, o Malauí está sujeito aos preços do mercado internacional.

## TANZÂNIA

### Conclusões

Como o presente estudo de caso da Tanzânia ilustra, uma vasta gama de fatores pode afetar as atividades de diversificação no tocante ao investimento privado, à produção e ao emprego. Esses fatores incluem virtualmente todos os aspectos da agenda de desenvolvimento – que se estendem da evolução do setor financeiro, educação e saúde, a outras questões infra-estruturais, ao ambiente regulamentar, tributação, governança, ambiente para investimento externo direto, e assim por diante. Esses fatores, combinados com as numerosas limitações que os pequenos cafeicultores enfrentam, exigem um tratamento interconectado e holístico da diversificação. É preciso que haja acesso à infra-estrutura adequada, financiamento, insumos, políticas econômicas, transporte, treinamento, capacidade de gerir e negociar. Também é necessário que haja um ambiente favorável, em que se encontre apoio. Por exemplo, a falta de liquidez é um problema muito sério para muitos pequenos cafeicultores, e o desenvolvimento de instituições de crédito e poupança melhor organizadas e mais competitivas ajudaria a reduzir esta limitação. Essas instituições, contudo, freqüentemente têm de se haver com uma variedade de limitações à provisão de crédito (por exemplo, condições meteorológicas, doenças e volatilidade de preços) que aumentam os riscos de inadimplência.

Da análise anterior, é possível tirar algumas conclusões:

- O reconhecimento da inter-relação entre as limitações financeiras e de comercialização e as opções relativas às políticas para superá-las está levando a um enfoque cada vez mais holístico das estratégias de diversificação e desenvolvimento que visam ao alívio da pobreza, favorecendo, em particular, muitos milhões de pequenos agricultores. No entanto, também é preciso priorizar os variados inputs e tipos apoio para as iniciativas de diversificação.
- Na consecução dos objetivos da diversificação, o setor privado e as iniciativas lideradas por organizações de agricultores/produtores têm um papel vital a desempenhar. A construção de capacidade institucional é muito importante.
- Frequentemente, muitos pequenos cafeicultores não podem se beneficiar de iniciativas de diversificação, por razões variadas, como falta de recursos (terra, capital, educação, etc.) e localização geográfica inadequada.
- As iniciativas lideradas pelo setor privado, num ambiente de apoio proporcionado predominantemente pelo Governo, são vitais para o sucesso das iniciativas de diversificação.
- Informações e análise de mercado apropriadas são necessárias para entender o mercado a acessar, seja ele local, regional ou internacional. É preciso avaliar com rigor as opções e a competitividade de seus custos. Oportunidades viáveis deveriam ser identificadas não só na agricultura, mas também na economia rural desvinculada da propriedade (ERDP).

- Nos mercados internacionais e, em menor escala, nos mercados regionais e locais, os padrões de qualidade estão-se elevando, tornando necessária maior capacitação técnica.
- Existem oportunidades limitadas para alguns produtos de nicho – em particular os especiais, orgânicos e fair trade –, e nem todos os cafeicultores estão em condições de aproveitar essas oportunidades.
- A diversificação em outros produtos e atividades não é uma panacéia para os pequenos proprietários e pode envolver diversos riscos. É preciso estar consciente dos vários riscos e tentar minimizá-los. Assim, antes de incentivar os cafeicultores a diversificar em culturas e atividades alternativas, é importante disponibilizar a maior quantidade possível de informações detalhadas sobre aspectos como tamanho do mercado, preços, requisitos de qualidade, barreiras tarifárias e não-tarifárias e riscos prováveis.
- É vital proporcionar aos pequenos agricultores apoio empresarial e treinamento.
- É importante envolver os principais participantes – agricultores, setores público e privado, ONGs e doadores – na tomada de decisões e no processo de implementação.
- Para que as iniciativas de diversificação tenham êxito, é imprescindível que haja apoio adequado – em particular financeiro e técnico –, assim como um Campeão.
- O desenvolvimento da ERDP pode apresentar um número significativo de opções de diversificação. Este tópico é extraordinariamente vasto, porém, e a maneira de proceder na priorização do apoio e das iniciativas representa um desafio significativo para os formuladores de políticas.
- Os enfoques vertical e horizontal não são mutuamente exclusivos, e os cafeicultores podem adotar uma estratégia diversificada, que combine a crescente competitividade que existe em café com a introdução de outras atividades.

## UGANDA

### Conclusões

Uganda é dotada de solos naturalmente bons e férteis e de bom clima, com duas estações chuvosas, que possibilitam dois ciclos de safra na maioria das zonas produtivas. Embora a disponibilidade de terreno esteja cada vez mais restrita devido ao rápido crescimento da população, o sistema agrícola, constituído de múltiplas empresas, continua a permitir a produção de cultivos comerciais e alimentares nesses terrenos limitados, sem comprometer a segurança alimentar dos agricultores. Essa situação é comprovada pela contribuição relativamente boa que o setor agrícola (apesar de em declínio) faz ao PIB, como se indica no quadro 6.1:

**Quadro 6.1: Contribuição de diferentes setores ao PIB de Uganda**

Exercício financeiro	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04
Agricultura	40,9%	40,7%	39,7%	38,7%	38,5%
Indústria	18,6%	18,7%	19,0%	19,5%	19,4%
Serviços	40,5%	40,6%	41,2%	41,8%	42,0%

Fonte: MAAIF, Statistical Abstract 2004

O café é produzido sobretudo pelos pequenos agricultores, que obtêm um quociente insumos/produção pouco significativo. O rendimento, porém, tem sido incrementado em consequência da adoção de variedades clonais de alto rendimento e resistentes a doenças, chegando a registrar até 4 toneladas métricas de qualidade média por hectare por temporada, quando se empregam boas práticas de gestão. O fato de não se usarem fertilizantes artificiais ou substâncias químicas na produção de café (Robusta, especialmente) oferece uma grande oportunidade aos Robustas de Uganda de ampliar sua presença nos mercados globais de café orgânico.

A liberalização do subsetor cafeeiro e do sistema de comercialização dos produtos básicos em geral trouxe estímulo aos agricultores, pois seus produtos agora são pagos à vista. Antes da liberalização isso não acontecia, e os agricultores se sujeitavam a longos períodos de espera antes de receberem pagamento por seus produtos, que eram entregues às juntas paraestatais de comercialização do Governo. Os cafeicultores hoje obtêm uma proporção mais alta em relação aos preços conseguidos nos mercados internacionais de produtos básicos – em média entre 70 e 80%. Isso até certo ponto estimula a produção, pois garante-se aos cafeicultores um bom preço de mercado, pago em dinheiro, pela produção da commodity à venda.

Por mais de meio século o café sustentou os agricultores e a economia nacional como um dos principais produtos de exportação. Os agricultores não abandonaram a lavoura e, a despeito de numerosos obstáculos ao subsetor, a demanda de material de plantio ainda está positiva, alimentando esperanças quanto ao bem-estar da população e à persistência do vigor da



economia do país. É importante notar uma queda decepcionante da taxa de crescimento da produção de cultivos comerciais – de 4,6% em 2002/03 para 1,8% em 2003/04 –, devido a um declínio da produção cafeeira estimado em 8,65%, em consequência da traqueomicose do café. O café responde por cerca de 60% do volume total da produção de cultivos comerciais.

Os pontos fracos que mais se notam no subsetor cafeeiro decorrem do exagero inicial com que se aceitou a premissa segundo a qual bastaria liberalizar o setor para fazê-lo progredir. Numerosos benefícios trazidos pela política de liberalização, em particular melhores preços e pagamentos à vista aos agricultores, são dignos de louvor, mas as desvantagens, especialmente em termos de deterioração da qualidade e de limites do acesso ao crédito para a produção e ao financiamento do comércio são pontos fracos significativos, que precisam receber a atenção adequada.

O advento da traqueomicose do café, que resultou na destruição de cerca de 50 por cento dos cafeeiros da espécie Robusta, ameaça a sobrevivência de todo o setor cafeeiro. Os volumes de exportação, cada vez menores nos últimos anos, confirmam os efeitos da traqueomicose, apesar de um maior número de cafeeiros replantados estar entrando em produção a cada dois anos.

O setor exportador de Uganda é dominado por produtos não-processados, que estão sujeitos a grandes flutuações de preços e distorções meteorológicas. A participação das exportações não-tradicionais (ENTs) aumentaram, alcançado sua taxa mais elevada, de 61,7%, em 2001. Isso demonstra que as receitas de exportação e as rendas dos agricultores poderiam aumentar ainda mais, através de comercialização estratégica, diversificação das empresas e agregação de valor aos produtos. Para que as iniciativas de diversificação se tornem iniciativas em favor dos pobres, é preciso garantir aos agricultores mais pobres participação plena em seu planejamento e execução e, mais importante, garantir que elas estejam voltadas para o mercado, para que os esforços dos produtores resultem num mercado melhor e em mais renda.

Em vista do crescimento cada vez maior da população e da acelerada corrida à terra que se prevê para o futuro, é mais provável que os cafeicultores de Uganda continuem pequenos no futuro previsível. Para que haja um impacto significativo e sustentável em seu meio de vida, é preciso planejar e implementar esquemas eficazes de melhoria da produtividade e programas de diversificação voltados para o mercado. O Governo, o setor privado e os produtores terão de ser parceiros iguais para que esses programas tenham êxito.

## ZIMBÁBUE

### **Conclusões e recomendações**

A diversificação horizontal no setor cafeeiro baseia-se na iniciativa individual. Condições favoráveis de clima e solo e sinergias entre programas de apoio à reforma agrária pelas empresas e o Governo atuaram como catalisadoras do processo de diversificação. Entre os fatores que influenciam a diversificação horizontal estão a viabilidade, a intensidade das safras, a mobilidade dos fatores de produção ou a compatibilidade das empresas, o acesso aos mercados e as políticas, como, por exemplo, a regulamentação do controle do câmbio. Além disso, os custos de produção são um fator crucial na escolha de opções de diversificação para o setor dos pequenos produtores.

Há bom potencial para a diversificação vertical na forma de café torrado, embora os esforços nesta direção não tenham tido muito sucesso. As cadeias de comercialização para a diversificação horizontal são curtas, no setor dos grandes e no dos pequenos produtores. Nelas há poucos compradores. Os pequenos produtores não estão bem organizados, mas os grandes estão, além de estar representados por suas associações.

Consideramos fatores que podem promover ou obstaculizar a diversificação para atividades não-cafeeiras, considerando os pontos fortes, os pontos fracos, as oportunidades e as ameaças. Esses fatores levam a conclusões lógicas sobre uma estratégia para o processo de diversificação no Zimbábue, em esferas nas quais iniciativas específicas de diversificação por forças externas não se registraram.

### **Pontos fortes**

A tendência atual a diversificar poderia ser fortalecida por alguns fatores inerentes ao setor cafeeiro. A disponibilidade de matéria-prima de alta qualidade para processar em produtos cafeeiros continua sendo um dos principais pontos fortes da diversificação vertical.

O atual declínio da produção cafeeira é um retrocesso temporário, mas também representa um ponto forte, da perspectiva do manejo das doenças do café, pois uma produção reduzida facilita a fragmentação dos ciclos de pragas e doenças, com a correspondente redução dos custos do manejo de pragas e doenças. Assim, quando a produção se recuperar, haverá uma base de fornecimento de café cru mais sustentável.

Muito esforço foi envidado na transmissão de conhecimentos e habilidades aos agricultores sobre gestão cafeeira, processamento e comercialização. Também há serviços e recursos humanos para treinar os agricultores.

A disponibilidade de boa irrigação, transportes e infra-estrutura de comunicações é um ponto muito forte. A alta mobilidade de outros fatores da produção cafeeira é um ponto forte adicional. Esses elementos permitem que novos produtos agrícolas sejam produzidos e comercializados eficientemente.

A disponibilidade de apoio financeiro desempenha um papel proeminente na diversificação do café, em particular nas áreas de reassentamento. Um sistema confiável de pesquisa agrícola, treinamento e extensão complementa o apoio financeiro.

A diversificação é influenciada pelo grau de inovação dentro de um sistema. Os agricultores locais são altamente inovadores, e isso constitui uma vantagem para o processo.

### **Pontos fracos**

As opções de diversificação para a subsistência postas em relevo no setor da produção em grande escala exigem muita concentração de capital. Os altos custos iniciais limitam o número de participantes dispostos a se engajar nesses empreendimentos, pois os participantes estão limitados por falta de capital.

A maior parte das commodities produzidas através de iniciativas de diversificação específicas é vendida para mercados de nicho. Os agricultores que desejam diversificar nessas commodities não dispõem de informações e conhecimentos sobre os mercados em questão.

Devido a má organização, os agricultores não têm poder de barganha nas negociações de preços. Conseqüentemente, os preços que sua produção realiza são muito baixos. A intensa concorrência, a má infra-estrutura viária e de comunicações e a baixa qualidade do produto exacerbam esse problema.

O setor cafeeiro atualmente não produz volumes suficientes de café para o beneficiamento econômico. Economias de escala, portanto, não podem ser realizadas, e isso compromete a competitividade.

Existe capacidade de pesquisa, extensão e treinamento, mas não na medida necessária. O financiamento também é um fator limitador.

### **Oportunidades**

O alto potencial para a agricultura intensiva nos distritos de Chipinge, Chimanimani, Mutare e Mutasa oferece grandes oportunidades para a diversificação horizontal em silvicultura, horticultura e pecuária. Laticínios em grande escala foram identificados como o melhor empreendimento econômico para esta província.

A existência de atividades desvinculadas da propriedade que geram receita, como o comércio informal e a prospecção de ouro, facilita a diversificação do café. A disponibilidade de instituições sólidas como o Centro de Investimentos do Zimbábue, as Zonas de Processamento para Exportação e os Sindicatos dos Agricultores do Zimbábue melhora muito este processo.

O Programa Prioritário de Reforma Agrária, de modo indireto, acelerou a diversificação do café em milho, trigo, tabaco, gado e soja, pois os agricultores reassentados abandonaram a produção de café em favor desses produtos.

A iniciativa do Governo de promover o beneficiamento de produtos locais é uma medida bem vista. Nesse particular, a África do Sul é um mercado potencial para os cafés do Zimbábue.

Mercados interligados de insumos e alguns produtos básicos, como o chá, oferecem oportunidades de financiar insumos para outros produtos básicos no âmbito do processo de diversificação. O processo facilita e acelera a diversificação.

O comércio transfronteira, a mineração e o artesanato existentes nas zonas de cafeicultura oferecem oportunidades lucrativas para a diversificação não-agrícola. A provisão de apoio financeiro para o investimento nessas zonas pelo Governo é uma vantagem adicional.

O apoio prestado por doadores e empresas do setor privado, como, por exemplo, no desenvolvimento de irrigação e de esquemas de cultivo para terceiros, catalisa a diversificação do café em outros produtos.

### **Ameaças**

A limitação de terra arável e os terrenos agrestes constituem desafios à exploração do potencial de diversificação.

A atual instabilidade macroeconômica que prevalece no país é uma ameaça à diversificação e aos negócios em geral. Hiperinflação e taxas de juros muito altas desencorajam o investimento. A escassez de energia, divisas, peças e equipamento intensificam a gravidade da situação.

Preços nominais estagnados e preços reais negativos para os produtos agrícolas ameaçam a diversificação em atividades agrícolas alternativas.

A crise econômica que o país atravessa intensifica os riscos ligados ao país, dificultando e encarecendo o empréstimo de capital estrangeiro.

As marcas de café locais enfrentam intensa concorrência com marcas estrangeiras de alta qualidade, tanto dentro quanto fora. O declínio na oferta de matéria-prima representa uma grande ameaça à diversificação vertical e pode provocar quedas de participação no mercado, pondo em risco os avanços conseguidos na diversificação vertical. Algumas das empresas que haviam arriscado processar café, especialmente nas Zonas de Processamento para Exportação, fecharam.

A falta de empenho do Governo em implementar as recomendações das instituições comerciais acerca de medidas para criar um ambiente de políticas saudáveis pode ameaçar a diversificação.

Os empréstimos são muito caros (taxas de juros acima de 400%), limitando o acesso ao crédito. A falta de financiamento acessível pode limitar a diversificação, em especial a diversificação em produtos agrícolas alternativos.

### **Estratégias para melhorar a subsistência nas áreas de cafeicultura**

#### **Opções a promover**

Incentivar a produção de laticínios no setor de grande escala, especialmente em Manicaland, Harare e Mashonaland Ocidental, e a pecuária em outras áreas, tanto em grande como em pequena escala.

#### **Estudos de viabilidade da produção e comercialização**

Concentrar-se em Manicaland, em vista da limitação de seus terrenos aráveis e do potencial para a intensificação da agricultura nas zonas de café, avaliando a viabilidade de cada opção de diversificação ou de combinações de possíveis opções; efetuar pesquisa de mercado para essas opções.

Para facilitar a diversificação, por outros cafeicultores, em áreas como turismo, mineração, transporte e movimentação de terra, efetuar um estudo detalhado que analisaria a viabilidade dessas opções, os mecanismos de financiamento e os riscos.

#### **Pesquisa de mercado**

Pesquisas sobre o mercado cafeeiro para o café na África do Sul, para determinar os gostos e preferências desse mercado, os volumes que ele pode absorver, a cultura de negócios do país, a estrutura do mercado cafeeiro, a regulamentação dos investimentos, etc.

Estudos para identificar mercados de nicho e desenvolver mercados para produtos lucrativos tais como a macadâmia.

### **Intensificação da agricultura**

Investimento em barragens e irrigação, encabeçado pelo Governo, mas em parceria com organizações não-governamentais e o setor privado.

### **Mineração**

O Governo deveria adotar políticas que, deliberadamente, dessem poder a comunidades situadas em áreas de riquezas minerais, priorizando o acesso dessas comunidades a títulos de mineração, de maneira a beneficiar os cafeicultores. Além disso, mais recursos financeiros, incluindo divisas estrangeiras, deveriam ser disponibilizados aos pequenos mineradores para a aquisição de equipamento de mineração. Nas áreas de cafeicultura, as minas fechadas deveriam ser reativadas para criar maiores oportunidades de emprego.

### **Terra**

O Governo deveria alocar terrenos aos cafeicultores através do Programa Prioritário de Reassentamento, para ampliar sua base produtiva mediante diversificação.

### **Mecanismos para facilitar a participação dos pequenos agricultores em mercados de nicho**

Esquemas de cultivo para terceiros, por exemplo, para a produção de chá, macadâmia, banana, etc. deveriam ser promovidos, para explorar plenamente as sinergias que surgem das interligações entre mercados para produtos agrícolas comerciais e mercados de insumos, assim sustentando o financiamento da diversificação pela internalização desta função.

### **Clima de negócios**

As organizações de agricultores e o comércio deveriam fazer lobby para conseguir um clima de negócios saudável que possa nutrir uma economia diversificada, de maneira a promover a diversificação vertical e horizontal no âmbito do setor cafeeiro. Além disso, o Governo deveria renovar ou capacitar o Centro de Investimentos do Zimbábue e a Autoridade das Zonas de Processamento para Exportação para que sejam tão eficazes quanto eram antes do advento do Programa Prioritário de Reforma Agrária.

O setor de negócios e o setor cafeeiro deveriam fazer lobby para conseguir apoio financeiro à produção de café sob a égide de entidades que operam a baixo custo, como o Serviço do Setor de Produção e Exportação. O objetivo seria acumular volumes que sejam econômicos para beneficiamento.

### **Política macroeconômica**

O Governo deveria restaurar preços reais positivos para os produtos agrícolas, pela promoção de políticas econômicas sensatas.

O Governo deveria adotar a recomendação da Comissão Utete de cumprir os Acordos Bilaterais de Promoção e Proteção dos Investimentos, para restaurar alguns dos benefícios conseguidos na diversificação vertical e horizontal no setor cafeeiro.

### **Pesquisa e treinamento**

As instituições de pesquisa deveriam ser incentivadas a investir mais esforços no desenvolvimento de tecnologias que possibilitem a intensificação da produção agrícola, para ampliar o potencial de diversificação do setor cafeeiro. Deveria pressionar o Governo para que ele dê condições financeiras e materiais às instituições de pesquisa, extensão e treinamento.

O treinamento desempenha um papel de primeira linha na capacitação e fortalecimento dos pobres para que adquiram poder através das habilidades e conhecimentos necessários para identificar oportunidades econômicas ao seu redor e diversificar nas áreas em que essas oportunidades existem.